

Radical Paulistano

CAPITAL

Trimestre 3\$000
Semestre 6\$000
Anno 12\$000

ORGAN DO CLUB RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, SABBADO 3 DE JULHO DE 1869

PROVINCIAS

Trimestre 4\$000
Semestre 7\$000
Anno 13\$000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralisação;
Ensino livre;
Policia electiva;
Abolição da guarda nacional;
Senado temporario e electivo;

Extinção do poder moderador;
Separação da judicatura da policia;
Suffragio directo e generalisado;
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;
Presidentes de provincia eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunaes superiores e poder legislativo;
Magistratura independente, incompativel, e a escolha de seus membros fora da acção do governo;

Proibição aos representantes da nação de acceptarem nomeação para empregos publicos e igualmente títulos e condecorações.
Os funcionarios publicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 RS.

RADICAL PAULISTANO

O Caxias do Centro Liberal

Nós, democratas por principio, não para fazer carreira, estamos ha muito affeitos a discernir o verdadeiro sentido das evoluções partidarias com que os aulicos de todas as côres fazem politica em torno do solio pontificio de d. Pedro II. Estamos da mesma sorte affeitos a denunciar ao paiz o máo intento d'aquellas manobras, cumprindo assim um rigoroso dever de sinceridade e patriotismo.

Em cumprimento d'esta tarefa, devemos chamar a attenção do paiz para as estranháveis bajulações com que os recentes democratas da grey partidaria, organizada pelos srs. Zacharias e Nabuco, estrugem os echos da patria em honra do nosso futuro rei o sr. conde d'Eu.

A *Reforma*, organ official d'aquella grey, não omittie ensejo de elevar o rei de amanhã ás maiores alturas; sua linguagem e a linguagem individual dos mais conspícuos chefes da grey correm parelhas e em muitos pontos excedem ás *laidinhas* erguidas pelos conservadores ao general Caxias, antes e depois de sua deserção do theatro da guerra.

Um dos mais distinctos ornamentos da grey progressista reformada, entre outros pedagos característicos, escreveu na *Reforma* as seguintes linhas a respeito do novo Caxias:

« Parecia não desejar (o sr. Gastão de Orleans) que a adulação o chame de Anibal, Cezar ou Napoleão: mas com o seu jovial temperamento e dotes militares, faz lembrar que é descendente de Henrique IV. »

Se taes homens fossem os seus verdadeiros representantes, a democracia brasileira estaria perdida, e com ella o futuro da causa popular.

Um democrata, um patrono da liberdade americana não pôde fazer genuflexões taes á raça maldita dos despotas europeos, sem grande abjeção.

Quem autorizou aos aulicos da grey Zacharias a arrastar tão baixo os brios americanos da nação brasileira?!

Quem lhes deu o direito de afivelar no rosto a mascara da democracia, transformando de tal arte em abjecta comedia de truões a causa sacrosanta de um grande povo americano?!

Se querem a todo transe um senhor, é facil a realisação do empenho: tomem a libré do descendente de Henrique IV, mas dispam antes a clamyde dos Grachos.

O povo brasileiro não precisa de Anibales ou Cezares; prefere um Washington ou um Lincoln.

Na America o symbolo da força social não é a espada, é o arado. O symbolo da soberania não é o brasão dynastico, é o gorro frigio.

Os conservadores, aulicos por principio e doutrina, estavam no pleno direito de endoçar o general Caxias e *subir pela sua espada aos andaimos do poder*. Se fizeram com isso um grande mal á nação, foi um mal logico, um corollario de seu systema politico. Em rigor não se lhes pôde attribuir um crime, porque o seu acto está mais ou menos acoberto pela intenção doctrinaria.

Mas, aos que pretendem-se democratas, chefes e sectarios da doutrina liberal, um facto semelhante é cousa mais seria: é uma infamia e uma traição.

Infamia, porque é a venda degradante dos brios de tribuno popular em troca dos sorrisos e favores de um principe, rei de alcova.

Traição, porque é vender o povo, como Christo foi vendido por Judas, como Benjamim foi entregue ao senhorio dos mercadores egypcios.

—Mas o sr. conde d'Eu é liberal; dizem os aulicos!

E' argumento de trahidores.

Gaston de Orleans é um instrumento dynastico de d. Pedro II. Seu destino na America é proliferar a raça de Bragança; é dar senhores ao povo brasileiro, e ser elle mesmo senhor, embora através dos cortinados do leito conjugal.

O lencinho branco de seu liberalismo e as intrigas palacianas entre o rei de hoje e o rei de amanhã, são embustes, ou nascidos de ambições proprias, ou de capciosas combinação firmada entre sogro e genro.

Os novos liberaes da Phoenix Zacharias e Nabuco são bastante sabidos em politica, para que seja havida como simpleza de papalvos a santa ingenuidade com que curvam o joelho deante do liberalismo do descendente de Henrique IV.

Iludem-se a si mesmos os innocentes thuriferarios do rei liberrimo; não iludem o povo, que através do manto plebeo encherça os galões da farda palaciana, que ainda conservam da quadra feliz em que montavam guarda nas escadas de S. Christovão.

Já se foi o bom tempo da politica pretoriana.

Hoje o povo tem os olhos abertos, e a luz da liberdade illumina os horisontes da patria.

Os saltimbancos podem embrulhar a trouxa e despejar a feira.

que fez e o que devia ter feito o sr. d. Pedro II

Feita a revolução de 7 de Abril, e expellido do throno d. Pedro I, viu-se este forçado a abdicar em seu filho a corôa do Brasil. O povo que havia castigado o seu primeiro imperador, arrancando-lhe o poder, recebeu com amor e contentamento esta abdicção, porque acreditava que o menino, nascido neste solo livre da America, criado e defendido por elle, havia de saber amar os brasileiros, amando a liberdade e as instituições.

Nestas condições, tendo os liberaes feito a revolução de 1831, não procuraram banir a monarchia do imperio, mas pelo contrario, consolidar-na na pessoa dessa criança, que no futuro devia ser o seu imperante, e que teve por defensores aquelles, que mais tarde deviam ser por elle lançados ao ostracismo e ás perseguições.

Assim, os liberaes tiraram ao pai a corôa, para dal-a ao filho, na crença de que este, grato por este supremo favor que o povo lhe concedia, havia de saber estimar os filhos da terra, onde elle nasceu, aquelles que o arrancaram do nada, aquelles que, de simples cidadão, fizeram do sr. d. Pedro II um imperador, a primeira autoridade do paiz.

Mas, ainda que isto não bastasse, o sr. d. Pedro II teve occasião de por mais uma vez receber das mãos dos liberaes uma prova de dedicação, quando em 1840 elles o proclamaram maior, e lhe deram, antes de tempo, o governo do imperio.

Entretanto, apesar de tudo isto, o sr. d. Pedro II, julgando que era imperador, em primeiro lugar por vontade divina, e em segundo pela simples abdicção de seu pai, apesar da constituição dizer que todos os poderes são delegações da nação, apesar do exemplo de 7 de Abril, logo que assumio o poder, tratou immediatamente de arvorar o despotismo como norma de seu governo, de substituir a vontade do paiz pela sua vontade, e de perseguir aos liberaes, aquelles que duas vezes lhe haviam dado o poder, aquelles que o haviam protegido em toda a sua menoridade.

Ha na vida humana factos que se não commentam, porque tudo o que se pôde dizer a seu respeito, não servirá senão,

para tirar as vivas côres com que elles só por si se appresentam. A ingratição do sr. d. Pedro II para com o Brasil e os liberaes, com o concurso das circunstancias aggravantes que a rodeiam, está nestas condições.

Receber duas vezes o titulo de imperador de um grande povo, e receber-o por meio de duas revoluções, sem nada ter feito para merecer tão assignalados favores, e mais tarde, dias depois de ter obtido tudo que uma nação pôde dar a um homem, calcar-a aos pés, cravando-lhe no coração o punhal que mata, e derramando-lhe nas veias o veneno da corrupção que destroe, é na realidade um desses delictos para os quaes o dictionario dos homens não encontra um termo de qualificação.

E tudo isto praticou o nosso imperador, e o fez nesta terra, que, por ser americana, não pôde deixar de ser livre; neste solo, que, conhecendo em primeiro lugar o martyrio, não pôde tolerar por muito tempo o despotismo dos Cezares.

Mas, se o sr. d. Pedro II em vez de rasgar a constituição do paiz, em lugar de desprezar o povo e a causa da liberdade, lançasse fóra de seu seio a corte de lisongeiros que o rodeia, e procurasse, como Leopoldo da Belgica e a rainha da Inglaterra, estudar a vontade de seus concidadãos, cumprir fielmente as instituições que nos regem, e de nenhum modo pôr obices ás justas e nobres aspirações dos brasileiros, o sr. d. Pedro II teria feito um reinado sem exemplo na historia das nações, porque nenhum rei ainda obteve a corôa com mais enthusiasmo e satisfação de um povo, e nenhuma nação ainda possuio os grandes e ferreiros recursos que nós temos, para de um dia para outro assumirmos o primeiro papel entre as grandes potencias, quer deste, quer do continente europeu.

Mas o sr. d. Pedro II, cerrando os olhos ao brilhante horisonte que se desenrolava ante suas vistas, procurou estreital-o nos pequenos limites de um orgulho mal entendido, insuflado por uma corte de ociosos, e inimiga de tudo quanto é elevado e nobre, e que, o tendo comprometido no poder, o ha de abandonar no dia da decadencia.

E' este um facto que a historia todos os dias nos aponta; tem pois elle inquestionavelmente o cunho da verdade.

A recompensa das boas e das más acções é um principio que está encarnado na natureza, e que não pôde falhar; o sr. d. Pedro II hade, pois, receber o premio dos serviços que tem prestado a esta terra brasileira; e nesse dia augusto e solemne, em que talvez a monarchia desapareça com o imperador, no meio do cataclisma que o sr. d. Pedro II está preparando, é provavel que s. m. exclame: «eram republicanos e anarchistas, não podiam, pois, sustentar a monarchia e a ordem», mas o paiz responderá, apontando-o como o unico de seus anarchistas e o mais forte e incansavel soldado da republica.

Forjaes armas, sr. d. Pedro II, para ferir a liberdade, e vos rodeaes de homens que só servem para applaudir o vencedor; pois bem, essas armas servirão contra vós mesmo, e esses homens serão os vossos primeiros e mais encarnicados inimigos.

Quereis um exemplo? não vamos muito longe, vede o que succedeu actualmente a Izabel II de Hespanha.

O programma do Centro Liberal

Com o fim de abreviar o mais que for posivel a analyse, que promettemos fazer, sobre o programma do Centro Liberal, deixaremos de parte algumas considerações que ainda poderíamos apresentar sobre a sua introdução, para entrar-

mos desde já propriamente em objecto do programma em questão.

Quando encetamos esta serie de artigos, dissemos que o programma do Centro era em demasia deficiente, pelo que não o aceitavamos; e nessa occasião lembramos algumas idéas mais, de que elle não deveria ter-se esquecido, por quanto, ellas representavam principios fundamentais da escola liberal, e além disto, as circunstancias do paiz exigiam indispensavelmente a sua realisação. Mas deixando agora de parte estas considerações, nós procuraremos mostrar mais alguns pontos vulneraveis do trabalho apresentado pelos nove senadores, que se constituíram o Centro Liberal, e que contém propriamente o programma, denominado Programma do Partido Liberal.

Em primeiro lugar se apresenta a reforma eleitoral, organizada segundo as bases pouco adeante consagradas no anexo n. 1.º E' sobre este ponto que faremos hoje algumas considerações.

Diz o mencionado anexo:

« 1.ª Eleição directa na corte, capitães de provincias e cidades que tiverem mais de dez mil almas, as quaes constituirão districtos eleitoraes por si sós e com as freguezias que dentro dellas se comprehendem. »

O Centro Liberal, proclamando na introdução do seu programma os principios fundamentais do partido liberal, esqueceu-se completamente da eleição directa, um dos fundamentos indispensaveis de toda e qualquer governação que se quizer pautar pelos principios de uma verdadeira e sã democracia, e quando no seu programma nos falla deste modo de manifestação do voto popular, não lhe dá a força de um principio, mas o considera como um facto mais ou menos realisavel, segundo a circumstancia do numero da população.

Para nós, radicaes, este modo de encerrar a questão é completamente falso; a eleição directa nós a consideramos como a unica legitima; aquella que sómente poderá dar a conhecer verdadeiramente a vontade do povo, aquella que não pôde ser dispensavel em um paiz que quizer dirigir-se por um governo livre e sinceramente representativo.

Tudo o mais, que sahir fóra destas raízas, só poderá servir de meios illusorios, com o fim de muitas vezes fazer com que o eleito não seja na realidade aquelle que obteve mais numero de votos, mas um outro que lhe esteja inferior em votação.

Além disto, a eleição indirecta, collocando o cidadão debaixo da tutela do eleitor, por que é este quem elege o deputado ou senador, priva o povo de manifestar muitas vezes a sua opinião, não permitindo que elle vote naquella que tem de representar, obrigando-o em casos a delegar este poder a um pequeno numero de cidadãos, que, de nenhum modo, pôde representar fielmente o paiz, afim de eleger as suas camaras representativas, donde deo partir todo o governo politico do paiz.

A eleição indirecta é um verdadeiro falsamento do governo representativo, porque vai illudir e desviar de seu verdadeiro terreno o voto da nação, base primordial deste systema.

O governo representativo, no dizer dos escriptores, é o governo da nação pela propria nação; assim, pois, é preciso que em um paiz, que se tenha de dirigir por esta forma de governo, adopte um systema eleitoral, que possa dar em resultado, não a manifestação da vontade de meia duzia de homens, mas a de todos os cidadãos que compõem o estado.

Este desideratum só se pôde conseguir com a eleição directa, ainda que não fosse senão pela seguinte consideração: De duas, uma, ou os eleitores, feitos

A. P. de S. Paulo, 1869

pela grande massa da nação, votam sempre naquelles em quem ella quer que elles votem: e neste caso, o corpo eleitoral é completamente inútil, por quanto, o povo que diz a um certo numero de homens, votae nestes ou naquelles para nossos representantes, porque razão não poderá elle mesmo dar o seu voto directamente áquelles que elle quer que sejam os seus representantes? ou então os eleitores podem votar naquelles, em quem o povo não queria que elles votassem, e nestas condições o governo representativo desaparece, porque a nação não se manifestou, mas sim um pequeno numero de individuos, e de um modo contrario a sua vontade.

Assim, pois, a eleição indirecta, ou é um luxo muito dispensavel, ou um falseamento do governo representativo.

A vista disto, é certo que o Centro Liberal, não considerando a eleição directa como uma das bases fundamentais do partido liberal, deixou de respeitar uma das principaes, senão a principal condição de vitalidade da escola democratica, e de todo e qualquer governo livre, na verdadeira significação da palavra. E quando trata de realizar esta idéa, fazendo-o de modo, que a colloca sobre a base da população, procede de maneira que a sciencia não pôde por nenhuma consideração legitimar.

Quer o Centro Liberal a eleição directa na corte, nas capitães das provincias e nas cidades que tiverem mais de dez mil almas; em todos os outros lugares a eleição se procederá por modo indirecto.

Isto quer dizer que na corte, nas capitães das provincias e nas cidades de mais de dez mil almas haverá eleição, em todas as outras haverá uma farça eleitoral.

Não é este por certo o fim de um governo liberal, nem tão pouco são estas as aspirações da democracia.

Mas qual a razão por que o Centro Liberal quer a eleição directa em certos lugares e em outros a indirecta? que razão o leva a pensar deste modo? que conveniencia social ou politica o fez abraçar esta restricção contraria a sciencia e aos interesses publicos?

E' o que nos devia ter respondido a «Reforma» o seu órgão na imprensa, discutindo e applicando o seu programma, e que não fez, entretanto.

O sr. Sayão Lobato

O sr. Sayão Lobato, verdadeiro anachronismo em um paiz que se governa pelo systema representativo, perfeito fossil dos tempos do absolutismo e da divindade dos reis, procura a todo o custo fazer reviver em uma época de liberdade essas theorias que a sciencia já condemnou, e que a experiencia dos povos já conheceu como inteiramente contradictorias aos seus direitos, e á sua prosperidade.

No meio de tudo isto nós reconhecemos no senador novato uma tenacidade de convicções, que denotaria certo merito, se não estivesse em opposição com o senso commum.

Quer restaurar o dominio do passado, tentando pôr uma barreira á marcha da humanidade; fazer esforços para reconstruir o systema, que foi o flagello dos povos, e que estes já condemnaram na sua alta sabedoria, é uma dessas aspirações que, tocando as raízes do impossivel, vae ferir muito de perto os dictames da boa razão.

Mas o sr. Sayão Lobato é daquelles que não páram, senão quando encontram á sua frente o manto real, aquelle que dá condecorações, que faz ministros, deputados, conselheiros e até senadores; e fôr nesta estacada s. ex. não trepidou em legar no senado brasileiro a soberania do povo, o que já em outros tempos ousou fazer na camara temporaria.

Ha neste modo de proceder, do apregoado Catão do partido conservador, um fundo de ridiculo e de contradicções, mais digno de dó do que de rancor.

O sr. Sayão Lobato diz que « não consentirá que mãos sacrilegas toquem em um só artigo da Constituição, que é a *area santa* da ordem e da felicidade publica, » entretanto s. ex. que tanto se blasona de coherente, que constantemente falla na sua firmeza de convicções e no seu amor e dedicação pela constituição do imperio, é o seu mais incarnigado inimigo, é aquelle que, com mais desabrimiento, tem procurado destrui-la em sua base fundamental; a soberania do povo.

A nossa Constituição diz no art. 10: « Os poderes politicos reconhecidos pela constituição do imperio do Brasil são quatro: o poder legislativo, o poder moderador, o poder executivo e o poder ju-

diário, » e pouco adiante, no art. 12, diz: « Todos estes poderes no imperio do Brasil são delegações da nação. »

De duas, uma, ou o sr. Sayão Lobato não leu ainda estes artigos da constituição, que diz defender a todo o custo, e neste caso, deve fazê-lo, para não continuar a soltar descomedidamente heresias, ou se os leu, não teve a felicidade de comprehendê-los, e nestas condições, pôde pedir ao cidadão mais ignorante deste paiz a sua explicação, e elle lhe dirá que esses artigos não fazem mais do que proclamar a soberania do povo, como o principio fundamental do nosso governo.

E' verdade que essa soberania nunca foi respeitada, e a propria constituição, em outros pontos, estabelece regras que a destroem completamente; mas nem por isso o principio deixa de existir, e o sr. Sayão Lobato, que se intitula soldado do partido constitucional, não pôde, de modo algum, furtar-se á sua obediencia e ao seu respeito.

Mas o sr. Sayão Lobato entende as cousas por outro modo; para s. ex. a constituição, bem como todo este vasto imperio se resumem no imperador, e somente nelle; a nação, no entender do rubro senador, não tem direitos, senão aquelles que se referem ás prerogativas da corôa, e a constituição só deve ser respeitada naquellas partes que dão direitos ao monarcha, porque tudo o mais nem é constitucional, nem se quer lei que mereça o menor respeito, e muito menos uma execução qualquer.

Não somos nós quem dizemos isto, é o proprio sr. Sayão no seu impagavel discurso, quando, no meio de trovões e raios, soltou a seguinte blasphemia: « a monarchia é o nosso norte e a fonte de todas as nossas esperanças. »

O que é pois o povo neste paiz? para o sr. Sayão Lobato nada, porque a monarchia é tudo.

Mas, nem a constituição diz semelhante absurdo; e o que tem o senador em questão com isto? quando para elle tudo se resume no sr. d. Pedro 2.º, porque este é o senhor, aquelle que põe e dispõe das cousas desta desgraçada nação, aquelle que pôde levar o nosso caricato Catão ás altas regiões do poder, que tanto ambiciona.

E' preciso, pois, incensar o throno, ainda que para isso seja indispensavel cuspir na face do povo; o sr. Sayão Lobato tem a toragem de tudo affrontar e de tudo offender, quando tem por fim agradar ao sr. d. Pedro 2.º, e conseguir as suas ambições; não trepida por tanto, nem mesmo em face desta circumstancia.

Muitas vezes o apregoado Catão solicitou e obteve o voto do povo, para ser eleito deputado e senador, desejando assim fazer parte de um poder concedido pelo povo; occupa no senado hoje um lugar que o povo lhe deu, ainda que coagido pela força do governo, e no entanto, é este homem que, na occasião em que esmolava ainda o voto do povo, ergue a voz, para sustentar que a sua soberania era uma mentira, e hoje, que acabou de esmolá-lo, continúa a dizer que « a monarchia é o nosso norte e a fonte de todas as nossas esperanças », não tendo nem se quer uma palavra, já não dizemos de justiça, mas de gratidão para esse povo que tanto lhe deu e lhe acabou de dar.

E' bom que a nação vá vendo estes exemplos, e que se não esqueça de que elles partem daquelles que vivem quebrando lanças pelo sr. d. Pedro 2.º.

A época é da monarchia, o sr. Sayão está pois no seu posto de honra; representando um papel importante na grande comedia, pela qual o paiz atravessa, mas amanhã o povo ha de fazer justiça por si, já que o não pôde fazer pelos seus delegados, enchendo da scena os comediantes de hoje; e então o sr. Sayão Lobato, bem como todos os áulicos, que acompanham a corte laudatoria do sr. d. Pedro 2.º, verão quem é o soberano, se este, se elle.

Politica radical

E das escholhas que deve partir a regeneração dos povos.

V. Hugo.

Proclama-se, hoje, com afan, como já, em épocas anteriores, apregoou-se com delirio, a autonomia do individuo, a emancipação do municipio, a confederação das Provincias e a independencia do paiz.

Grande é, por certo, e nobre, o espirito restaurador de todas estas bellas concepções, como pequenino e fragil o pedestal em que procuram os eminentes

evangelizadores do futuro firmar a obra magnifica da regeneração social e politica do Brasil.

O povo de hoje é base mui diminuta para sustentar com robustez edificio de tão agigantadas proporções.

O fundamento de todas as reformas politicas, iniciadas pela democracia, deve ser a moral; os moveis de acção—a tenacidade e o civismo; obreiros—a razão e a vontade; director o tempo; e conselheira—a historia.

E' em nome do povo e para o povo que o esforçado partido radical se ergue-se, e altaneiro exige, com a auctoridade inabalavel das puras consciencias, reformas importantes, reformas salutaras, que mantenham e resguardem os verdadeiros principios democraticos, tão vilipendiados pelas oligarchias partidarias, e pelas dictaduras despoticas.

Respeitamos sinceramente as nobres aspirações dos denodados propugnadores do radicalismo.

Somos radicacs tambem; combatemos pela victoria dos mesmos principios; nutrimos com firmeza imperturbavel as mesmas crenças, e descansamos confiadamente á sombra do mesmo estandarte.

Temos, pois o direito de perguntar aos novos batalhadores, á face do paiz inteiro:

Que povo é esse pelo qual nos move-

mos?

D'onde vem elle?

Quaes são as suas ideias?

Que crenças tem?

Nos certames politicos, como nas lutas sanguinolentas dos campos de batalha, deve preceder ás pugnas que abrem caminhos invios ás laureadas victorias, um plano de campanha maduramente considerado.

Para as batalhas arremetam-se os individuos, com os quaes, convenientemente instruidos, formam-se os batalhões disciplinados, os corpos de guerreiros e os grandes exercitos invenciveis.

Nas justas politicas deve dar-se a mesma reflectida previdencia; e sobre tudo ter-se conhecimento intimo da força moral dos correligionarios de hoje, que serão os paladinos homericos de amanhã.

Nós que somos uma fracção do povo, que luctamos corajosamente pela defesa da nossa propria causa, devemos conhecer a fundo os nossos irmãos de sacrificios.

O povo brasileiro, digamolo com franqueza e sem injuria, é ignorante.

E' um aggregado de entes sem vida; uma especie de arma terrivel, da qual, em todos os tempos, se hão servido os chefes dos partidos dominantes, para impôr silencio aos caracteres distinctos, que se tem revoltado contra a prepotencia e contra os desmandos infrenes do poder.

A simples inversão dos automaticos manequins policiaes, e da agaloada alcaidaria da Guarda Nacional, só por si, é bastante para mudar de chofre a feição politica d'este vastissimo imperio!

E' um povo que se deixa governar pelos aguazis impudicos do imperialismo, e que se curva humilhoso na presença de alvares inspectores de quarteirão, que consentem ser por elles manietado, como besta ou escravo fugitivo; que cruza os braços perante o assassinato barbaro de seus filhos, perpetrado alta noute, dentro do proprio lar domestico, pela auctoridade insana ed esmoralizada, que soffre paciente, no sagrado recinto de sua habitação, os ataques cynicos da infamia legalizada, contra a honra das esposas e o pudor das filhas; e que vem mais tarde quererlar de taes torpezas aos seus despejados algozes!

A grandeza dos povos, como a dos individuos, tem a sua origem no berço; porque é no berço, e com a infancia que começa a obra edificadora da educação.

O povo brasileiro teve desgraçadamente por berço de sua moral os carcereiros tenebrosos do Limoeiro; para exemplo de costumes a historia criminal dos seus maiores; por eschola doctrinal a crapula descabellada da dissoluta fidalguia lusitana; e por mestre na politica, a devassidão dos governos, que ainda perdura em pleno dominio.

Tal é o povo brasileiro, administrado dilecto do esplendido governo da unica monarchia americana.

Será com este povo, instruido, ha perto de cincoenta annos, pelos chefes dos partidos militantes, adoradores servis do bourbonismo, será com este povo, perguntamos, que travaremos lucta contra o cezanismo fortificado?

Não.

Construamos com cuidado a larga base

do vasto edificio, que pretendemos levantar.

Com o facho da verdade em punho espanquemos impavidos as tréas da ignorancia condensadas pelos pregoeiros do erro.

Combatamos a peito descoberto a immoralidade com as armas inquebraveis da virtude.

Lavemos a lepra moral, que dilacera a grande alma d'este infeliz povo, nas fontes crystallinas do evangelho.

Mergulhemos as praticas sinistras do governo do imperio nas aguas lustras do Jordão da democracia.

Novos Baptistas embrenhem-nos pelo laborioso deserto da meditação; eduquemos cuidadosamente o povo, longe dos olhares deleterios do hydropico Pharaó de São Christovam.

Lembremo-nos de que, sem um grande povo, jamais poderemos gosar de grandes instituições.

Invidemos esforços para a fundação de um governo democratico; porqueno será o imperialismo, nem os seus deslumbrados adoradores, por certo, quem ha de preparar o povo para a magna felicidade social.

Nos livros magnificos da historia sagrada delectreemos as lições sublimas que legou-nos o Genio fundador da liberdade moderna e incetemos resolutos a nosso difficil perigrinação aos paramos felizes da moderna Canaan.

A civilização, como todas as obras supremas do Creador, prosegue vagorosa, deixando apóz si os seculos, as lendas e os monumentos, e guiando a frente o plaustro tardio do progresso, e rasgando cimeira o espalto immenso do porvir.

Os povos, á semilhança dos oviparos, rompem á custo a clausura espessa da ignorancia que os detem n'esses ninhos vastissimos, em cuja superficie o despotismo inscreveu a palavra—contralisação.

Os tribunos sinceros, prophetas inspirados da nova religião politica marcham na vanguarda dos modernos Israelistas, que vam caminho da eschola.

A eschola é a promissão dos povos que aspiram a liberdade.

Os publicistas abatem a imprensa ao nivel das mais humildes concepções, e, por meio do jornal, espargem as sementes do evangelho da democracia.

O angulo facial do povo dilata-se; os cerebros illuminam-se, os servos nobilitam-se; os Spartacus emancipam-se; o astro ensanguentado dos Cezares obumbra-se nos amplissimos declives do occaso; as monarchias enublam-se; e os Estados purpuream-se com as galas da aurora, porque o maravilhoso mysterio da regeneração dos povos aproxima-se.

Ne seio do infinito paira sobreancero o Archanjo da liberdade, e á sombra de suas azas eburneas quebram-se as algemas dos escravos e incendeam-se os cadafalsos reaes.

Marchemos, pois, caminho do deserto.

Para nós o deserto é a eschola; e é das escholhas, disse o immortal evangelista da democracia que deve partir a regeneração dos povos.

PHILODEMO.

COLLABORAÇÃO

Antes tarimbos que escholhas

Propagação de luzes, reformation de costumes, clamam por toda a parte os philosophos: e por toda a parte os despotas e seus ast-lites tractam de corromper os costumes e impedir a propagação das luzes, delatando peçonha nas fontes onde o povo vae beber: e assim, onde elle busca a triaga, ali encontra o veneno.

ALFIERI

Admiram-se e espantam-se maravilhosos muitos sabios politicos, da civica energia da nossa linguagem para com os eminentissimos chefes do grande partido liberal, sem que porém, a despeito da boa fé que os anima, façam praça da franqueza e sinceridade, que sempre manifestamos em os nossos escriptos e discursos.

Os que se espantam e admiram-se da nossa temeraria ousadia, são os Archanjos poeticos do liberalismo; as almas candidas e ingenuas; os lyricos hymnographos do immaculado governo imperialissimo do Brasil.

Os portentosos coripeus do partido liberal, na tribuna do parlamento e pela imprensa teem explicado, com força de autoridade,—que a ingenuidade em politica é a manifestação de certa especie de idiotismo.

Nós, porém, regeitando cautelosos a explicação dos chefes, apesar de douta,

poder, que dirige os seus negócios, e procura depol-o por meio da força, elle não faz mais do que exercer um imperioso direito de defesa, oppondo uma contrarevolução á revolução do governo, que abusou da lei, que opprimio o cidadão e que sacrificou o paiz.

Não é, pois, o povo o revolucionario, é o máo governo que o tenta aniquillar, roubando-lhe a vida, a dignidade e a segurança.

Nós, radicaes, ainda não conhecemos os fastidios do poder, nem, tão pouco, temos pessa em lá chegarmos, não nos cabe, por tanto, esse titulo injurioso, com que nos procuram mimosear os arautos do absolutismo, os sectarios da infallibilidade e da missão divina dos thronos.

Vós, srs. conservadores, a quem foi entregue, e continúa a ser, os destinos deste paiz, vós, que vos tendes saciado no seo governo, que tendes feito da liberdade do cidadão brasileiro um ludibrio, dos seus direitos uma escandalosa mentira, de sua dignidade um joguete e de sua fortuna um objecto de divertimento, sujeitando-a aos caprichos e ás vaidades do vosso *divino* senhor, é que mereceis o epitheto de revolucionarios, inimigos da paz, da ordem e do bem estar desta infeliz sociedade. Não queira, pois, imputar aos outros, aquillo que, por todos os titulos, vos pertence, deixai ás victimas o seo papel de martyres, e reservai para vós o de algozes. Dai a cada um o que é seo; respeitai aos mestres este principio juridico.

Vós sois os revolucionarios, nós os infelizes pacientes que soffremos todo o peso das nossas perseguições e tyrannias restando-nos, em face dos poderes absolutos que vos rodeiam, um unico direito, o de fallar e escrever; nada mais. E a existencia deste direito ainda é, no vosso pensar, uma generosa concessão que nos fazeis, e que amanhã, por um capricho do sr. d. Pedro II, nos póde ser arrancado, como teem sido todos os outros.

E, no meio de tudo isto, são os radicaes os inimigos da nação, os seus sublevedores, aquelles que procuram anarchisar-a, arrastando-a aos abysmos das revoluções!

Os abusos do governo despotico deste baixo-imperio dão-nos inquestionavelmente o direito de dizer ao cidadão que se arme, e se defenda, por meio da violencia, contra o poder que invade a noite o seu asylo sagrado, que vai revistar as suas mulheres e filhas, que as insulta no que ellas teem de mais nobre e santo—o pudor—, que lhe rouba os seus filhos, para matal-os em uma guerra caprihosa, quando não o faz as suas proprias vistas, que violenta o seo voto, em fim, que faz tudo quanto o direito reprova e a moral fulmina.

Em face de todos estes desmandos nós tinham-os, sem duvida alguma, o direito de revolucionar o povo e de dizer-lhe que se armasse contra o poder.

Entretanto, levando em excesso a nossa paciencia, não o faremos, mas limitamo-nos sómente a esclarecer a nação, por meio da tribuna e da imprensa, fazendo-a sabedora das tyrannias do governo e dos direitos do povo.

Tinhamos o direito de provocar a revolução armada, e não queremos senão a moral; aquella que se dirige ao espirito, que eleva o homem e ennobrece os estados, sem criar victimas, poupando até aquelles mesmos que perseguiram e esmagaram o povo.

Ha neste nosso proceder uma generosidade, levada a um gráo tão superior, que chega a irritar aos nossos inimigos. Desconhecedores das sublimes virtudes, que elevam o homem, os srs. conservadores, procuram apedrejar e escurecer tudo quanto é nobre e puro, amigos das trévas, querem espancar a luz, ou corrompel-a; eis, porque nos injuriam, eis a razão, porque procuramos apresentar em face de nossos concidadãos como os inimigos da paz do bem estar e do progresso do nosso paiz.

Pobres loucos! o seo fanatismo pelo poder despotico dos Cezares leva-os até aos extremos de uma calumnia delirante.

Nós, os democratas, não pugnamos sómente pela paz interna das nações, vamos além, queremos a paz universal.

Vós, que sustentaes o poder das nações, não na illustração do seo povo, mas no numero de suas armas e na disciplina de seus exercitos, vós, que fundaes o governo de um povo, não na sua soberania e na sua livre escolha, mas na soberania de um rei, na sua perpetuidade, na sua irresponsabilidade; que não admittis que elle erre, e que o collocaes superior á nação, de quem deve elle ser um simples mandatario, é que sois os revolucionarios, não só do vosso paiz, como tambem os revolucionarios das nações.

Deixai, pois, a tribuna dos accusadores, o vosso lugar é o banco dos réos; deixai de fallar em ordem e na paz da nação, porque vós sois os maiores anarchistas deste paiz e os seus mais encarniçados revolucionarios.

Dia virá em que o povo e a historia vos façam justiça; a providencia não desampara as suas creaturas, e nós esperamos por ella.

TRANSCRIPÇÃO

O Brasil e a contribuição das provincias

O partido radical tem-se apresentado em toda a luz; elle tem manifestado com toda a clareza as suas ideias fundamentais.

Não se póde dizer «que elle contem em seu seo alguma cousa de incognito que não quer descobrir» segundo declarou-se no senado.

O partido radical expõe á luz meridiana os sentimentos de que estão possuidos os cidadãos que o constituem.

Organizado por um povo livre, não tem necessidade de occultar a sua voz soberana.

A historia do despotismo, que pesa a longos annos sobre este povo generoso desde a nossa independencia, as justas aspirações da soberania individual, explicam a origem e a fundação do partido radical no Brasil.

As promessas fallazes, os enganos, os partidos fementidos produziram uma incredulidade geral, e dessa incredulidade, e da necessidade de salvar o paiz de uma ruina certa, nasceu a fundação desse partido radical, que se vae constituindo em todas as provincias deste continente americano.

Para darmos uma prova evidente do direito que assiste a todos os cidadãos de valerem pela salvação do paiz, vamos referir aqui o quadro da receita geral do exercicio de 1868—1869, extraído dos balanços existentes no thesouro nacional, determinando as quotas especiaes com que concorre cada uma das provincias.

| PROVINCIAS | |
|---------------------|----------------|
| Município da corte | 36.056.000.460 |
| Rio de Janeiro | 924.713.158 |
| Espirito Santo | 72.336.313 |
| Bahia | 8.468.390.997 |
| Sergipe | 440.223.124 |
| Alagoas | 713.584.709 |
| Pernambuco | 7.125.557.099 |
| Parahyba | 655.616.183 |
| Rio Grande do Norte | 304.548.864 |
| Ceará | 1.426.043.373 |
| Piahy | 295.245.800 |
| Maranhão | 2.154.941.897 |
| Pará | 3.642.056.495 |
| Amazonas | 58.175.958 |
| S. Paulo | 2.971.560.818 |
| Paraná | 484.964.771 |
| Santa Catharina | 259.016.949 |
| S. Pedro | 3.512.807.810 |
| Minas | 689.157.051 |
| Goyas | 35.616.226 |
| Matto-Grosso | 58.546.788 |
| | 73.359.119.843 |

Eis aqui as quantias com as quaes as provincias concorrem para o thesouro nacional annualmente, salvo pequenas differenças.

Não terão essas provincias razão quando reclamam o direito de empregar os seus rendimentos em seu proprio beneficio?

Não terão direito de reclamar a sua autonomia?

Não terão direito de exigir promptamente a liberdade eleitoral e dos cultos, a liberdade do ensino, abolição dos privilegios, a suppressão do poder moderador, a abolição da escravidão, a criação da industria, da navegação e do commercio nacional?

Não deverão exigir que se despedacem de uma vez para sempre os grilhões do despotismo, que o povo tenha direito de gozar o fructo do seu trabalho?

(Da Opinião Liberal).

COLLABORAÇÃO

Grande erro

Grande erro! sob esta epigraphe appareceo na corte um artigo do sr. Alencar de Araripe, fundamentando a existencia do poder moderador—no Brasil.

O articulista do *Diario do Rio* entende

que a unica ponte da existencia para as pessoas regias é o poder moderador; que arrancando esse manancial de vida é decretar a morte da realza como consequencia de sermos republicanos.

Quando mesmo, sr. Alencar de Araripe, fosse isso verdade, nem por isso creio que o nome de monarchista seja mais honroso do que o de republicano.

O nome de um governo pouco importa desde que seus subditos sejam felizes e seus direitos garantidos.

Se é difficil tentar-se plantar a republica na Asia onde a vontade do rei torna-se unica lei viva, a sustentação das doutrinas monarchicas na America parece um esforço só devido á tenacidade de alguns.

Se um principio anomalo muitas vezes pára sobre um paiz não é isso razão de sua acceitação.

O principio republicano é na America a unica condicção de sua firmeza.

O Mexico—essa republica americana mostrou ao mundo que em suas veias girava o sangue da liberdade, as tropas francezas por vezes repellidos levaram como testemunho de sua afoutesa o cadaver ainda quente de um monarcha.

O estado contristador da princesa Carlota, apontando de continuo para o Mexico, mostra bem alto que os bastiões levantados por um povo livre podem superar as ordens desenfreadas dos governantes.

Pouco nos importa a forma, com que o despotismo se cubra. Republica ou monarchia, não o aceitaremos desde que não represente a vontade nacional.

O principio de educação governamental influe de tal modo no animo do povo, que a sua alteração não seria feita sem algum abalo, porém, isso em nada importa com a suppressão do poder moderador, elle que longe de neutralisar os outros poderes avassalla-os na sua fiscalisação.

Diz o sr. Alencar de Araripe: na verdade pense-se sobre a essencia da autoridade real, abstrahida-se da forma monarchica, a faculdade de decidir em ultima instancia dos grandes interesses do Estado, e vê-se-ha que não ha força alguma no principio da realza, embora haja esse rei que reina, mas que não governa.

Para o sr. Araripe não ha nada que mais o encommode que a maxima o rei reina, mas não governa.

Das doutrinas do articulista, conclue-se que nada póde ser para o paiz melhor do que uma fiscalisação geral por parte do poder moderador, poder—fiscalisação, que em si tradusa ultima vontade.

Já se foi o tempo, sr. articulista, em que o povo só acostumado a viver em seus pequenos nucleos ignorava o quelhe dizia respeito. Hoje já conhece seus direitos, e a sua applicação é uma necessidade inevitavel.

Por mais que o governo tente emmudecer a voz do povo ella será sempre ouvida e sua vontade será a lei de seus passos.

Essa suprema vigilancia do poder moderador em nada sanciona a sua intervenção franca e formal na politica do paiz com prejuizo do estado e dos interesses individuaes.

Esse equilibrio, de que falla o art. 38 da constituição, não quer dizer subordinação dos outros poderes, mas poder neutro e contrabalançador.

Mas quando esse poder ultrapassa os limites de sua raia, sendo elle em si irresponsavel, é necessario que encontre no povo, unica fonte do poder, um paradeiro aos seus desmandos.

A sessão de 16 de Julho é uma prova bem frizante de tal desacato; não se faz a ella a applicação do art. 101.

Nem nos chamem de desordeiros e opposicionistas inconstitucionaes, pois, é baseado sobre essa lei politica que fundamentamos a nossa argumentação, argumentação que em si não quer dizer, acabar com o poder moderador é extinguir a realza e a monarchia.

A opposição estancia-se nas raiaes constitucionaes, ella não procura só impedir os desvios do governo, leva mais alto suas vistas—ella quer a suppressão de um poder, que longe de beneficio ao estado, longe de neutralidade aos outros poderes, apresenta-se com toda força e apparato amedrontando o povo e cegando por seu brilho o proprio governo.

A opposição não descarrega-se da senda do direito—ella só quer a realisação de seus fóros populares, a felicidade do seu paiz.

S Paulo 28 de Julho 69.

CHRONICA

Conferencia Publica—Domingo, 1º de Agosto, ás 11 horas da manhã terá lugar a 2ª conferencia publica do Club Radical Paulistano, orando o sr. dr. Americo de Campos sobre a these—Liberdade de cultos.

A entrada é franca. O lugar da reunião é no salão do sr. Joaquim Elias, rua de S. José.

Novo proconsul—Está na terra o sr. dr. Candido da Rocha. Dizem que é muito boa pessoa, e que s. magestade muito confia de suas luzes e boa vontade para o melindroso encargo de felicitar esta provincia e manter na boa ordem os bons subditos paulistas.

Assim seja. Em todo caso, embora o sr. Candido Rocha seja um fiel servidor da dynastia, rubro como um Sayão Lobato, e amigo da ordem na extensão da palavra, é um homem serio, um homem que se presa e tem alguma cousa a perder, no que differe muito do seu antecessor, o lacaio agalado que a corte denomina—barão de Itaúna, alcaiete do rei.

Aguardamos os actos do novo representante da Soberania Imperial.

Libertação do elemento servil—O sr. dr. Pedro de Alcantara publicou recentemente um projecto á este respeito.

Deixando de parte a hypothese, que para muitos é aliás a unica possivel, da emancipação directa e rapida, trata o autor dos meios de chegar ao mesmo resultado pela emancipação gradual, tomando por base, de um lado o respeito da propriedade, de outro lado a applicação dos braços libertados ao trabalho e particularmente á propria lavoura.

Sem discutir a preferencia dos dous systemas oppostos, não podemos entretanto deixar de render mil louvores ao sr. dr. Pedro de Alcantara pelo patriotismo bem entendido com que ousa, no meio da indefferença geral, agitar deante da opinião publica este grave e melindroso problema social.

E' um serviço incontestavel prestado ao paiz.

Club Radical—Na ultima reunião economica o Club determinou o seguinte a respeito de suas conferencias publicas:

Art. 1º O ingresso ás conferencias é completamente franco, ficando abolido de hoje em deante o uso dos cartões.

Art. 2º O dia de cada uma das conferencias e o praso que convém interpor-lhes serão determinados pelo Club, de conformidade com as circumstancias.

Art. 3º As pessoas que houverem de fallar nas conferencias, serão nomeadas por eleição da casa, não ficando por isso os socios inhibidos de inscreverem-se para esse fim.

Art. 4º Esta inscripção deve ser feita em livro especial com a indicação das respectivas questões, e submettidas ao Club, que entre os inscriptos escolherá livremente o orador.

Art. 5º Em these só poderão fallar os membros do Club; entretanto, se algum estranho o desejar, poderá fazel-o dirigindo-se á casa por intermedio de seu secretario, uma vez que, em relação á these que pretender discutir, professe as idéas do programma politico adoptado pelo Club.

Art. 6º Quer sejam membros do Club, quer estranhos, os individuos que tiverem de fallar nas conferencias não o poderão fazer, sem que apresentem á casa na sessão anterior á respectiva conferencia, um transumpto escripto dos pontos capitaes que houverem de desenvolver, subjeitando-se a qualquer observação que lhes fór dirigida por parte do Club.

Art. 7º Quanto aos pormenores, ás circumstancias de occasião e qualquer necessidade momentanea, que se não achem previstas nestes artigos, fica o secretario autorizado a providenciar, deliberando em harmonia com o thesoureiro do Club.

Thiers—Lê-se no *Ipiranga*: Na correspondencia de Londres para o *Jornal do Commercio*, vem relatado que Thiers em uma reunião de seus constituintes, fizera vaticinios sobre a Europa nas palavras seguintes que lhes dirigira;

«A Europa, disse este, em tom solenne e denatando profunda convicção, covinha rapidamente para o republicanismo. Não se deixam illudir os que ainda são moços.

«Em consequencia dos erros dos governos, que cedem quando deviam resistir, que tresistem quando deviam guiar; o tempo que se aproxima será um medonho periodo de transição, de luctas, de san-

que derramado, terrível para todos; e por minha parte dou graças a Deus por não ter de viver para presenciar estas horribes scenas.

« Os problemas políticos e sociais chegaram a um ponto tal de urgencia, que as nações serão d'aqui em diante fatalmente arrastados a resolver tudo, supprimindo tudo.

« Mas, solução e supressão, são duas cousas diversas e as questões que hoje surgem subsistirão, apesar de todos os esforços que se fizerem para removel-as.

« Só quando a nova geração que a Europa traz agora em seu seio, tiver envelhecido e ganho tanta prudencia quanta seja sufficiente para resolver e vencer todas as difficuldades, só então a republica do bem estar geral, poderá restabelecer a paz e a boa ordem na sociedade.

« Sois moços, accrescentou elle concluindo, mas, embora vivaes longo tempo e vos torneis velhos, apenas assistireis ao prologo da civilisação do futuro. »

Transcrevemos estas linhas, porque ellas contem verdades que se podem applicar perfectamente ao nosso infeliz e esperançoso Brasil.

Policemos a policia—Lê-se na *Opinião Liberal* o seguinte:

« Admiremos a illustração e criterio do sr. dr. Fontes, digno subdelegado da freguezia da Gloria!

Um pretinho escravo, menor de 6 annos, feriu com uma pedra a face de uma outra criança.

A destemida policia da freguezia pôz-se logo, em agitação e conseguindo prender o criminoso fel-o recolher a detenção e iniciou contra elle processo por crime de ferimentos.

Depois de 5 dias, mais ou menos, de prisão reconheceu o sr. dr. subdelegado que os menores de 9 annos não são processados e mandou solta-lo. Mas quando e como?

Depois que a criança, la na instructiva e moralisada detenção, onde esteve presa, quebrou um braço e nesse lastimoso estado foi entregue a seu senhor!

E' preciso policia constantemente essa policia dos srs. José de Alencar e Xavier de Brito, de exqu岸ita memoria.»

E é na tórte do imperio que se dão escandalos desta ordem!

O que não irá pelas provincias!

Radical Paulistano—Em virtude de ter havido na semana passada grande numero de trabalhos na typographia, onde se imprime o nosso jornal, não pôde elle sair no dia marcado.

ANNUNCIOS

Vigor do Cabello,

DO DR. JYER,

Para renovação do Cabello.

O Grande Empenho da Época!



O Vigor do Cabello é uma preparação ao mesmo tempo agradável, saudavel e efficaz, para conservar o cabelo. O cabelo secco ou ruço retoma a sua primitiva cor e o brilho e o vigor do cabelo dos moços; o cabelo ralo, torna-se denso, o que cõe, preserva-se e as calvas muitas vezes bem suppridas, com o seu uso. Quando as folliculos estão enfermos ou as glandes atrophiadas, não ha que possa reformar o cabelo senão uma applicação como o Vigor do Cabello, a qual, exempta de substancias deleterias que tornam algumas preparações perigosas e injuriosas ao cabelo, e muito dissimilhante a essas pastas e sedimentos que tanto concorrem para sua queda, conserva-o limpo e forte e melhora-o sempre, sem poder damnificá-lo. Dest' arte o Vigor é o mais desejavel dos ornamentos do

TOCADOR.

Elle não contem oleo, nem tintura; não é capaz de manchar nem o mais alvo lenço de cambraia; perdura no cabelo, dá-lhe brilhante lustre e espargelhe agradável perfume.

Depositarío geral no Brasil

H. M. LANE, 15, rua Direita.

UNICO AGENTE.

DEPOSITO EM S. PAULO

Rua Direita n. 46.

Elixir Odontalgico Vegetal, para curar as dores de dentes as mais agudas, instantaneamente. Vidro 2^o

Rua Direita n. 46. 10-10

O ADVOGADO

LUIZ DE OLIVEIRA LINS DE VASCONCELLOS

Tem seu escriptorio á rua Direita n. 1.

10-3

Fabrica a vapor

DE

GENUINO CAFÉ MOIDO

30-RUA DIREITA-30

Café bom. arroba 7.000 libra 240 rs.
Dito superior. arroba 9.000 libra 320 rs.
Dito extra-superior. arroba 10.000 libra 400 rs.

Aprompta-se qualquer encomenda com brevidade.

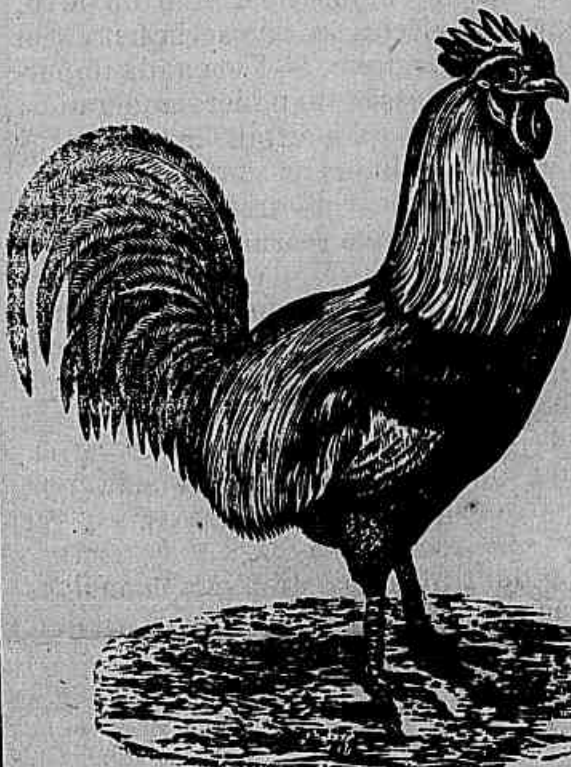
15-7

Aviso! Aviso! Aviso!

Roupa feita e officina de alfaiataria

AO GALLO

11—Rua do Rosario—11



Affiança-se a perfeição em casacas.

» sobrecasaca.
» paletots de todo e qualquer feitio.
» calças.
» colletes.

Grande variedade de pannos, casimiras, merinós, brins, etc., etc.

11—RUA DA IMPERATRIZ, ANTIGA RUA DO ROSARIO—11

20-14

E. B. Schaar

Esquina da rua da Imperatriz e da travessa do Collegio

GRANDES NOVIDADES PARISIENSES recebidas pelos ultimos paquetes inglezes e francezes, e directamente pelos vapores *Galileo* e *Donati*.

RICOS Fichus Marie Antoinette, guipure, Cluny, tulle branco e preto, musselina, bordados, de 7.500 até 15.000.

CORPINHOS dito dito dito, de 5.000 até 10.000.

SAIAS ricamente bordadas.

COLLARINHOS E MANGAS brancas bordadas e listradas, de cor de 3.000 até 6.000.

BALÕES reguladores parisienses, branco e de cores.

CHAPÉOS ricamente enfeitados.

CORTES de vestidos de foular, seda pura, listradas, e outros desenhos a 40.000.

CORTES de vestidos de tarlatana, com bordados de metal, tecidos, e com intremeios, para casamentos ou bailes.

TARLATANAS brancas e de cores, ditas chuva de brilhantes, com tecidos de metal e de chrystal, ás varas

DITAS laminadas de prata, ás varas.

SETINS PARANA', riscados de diversas cores, aos covados.

ALPACAS de diversas cores, a 800 rs. o covado.

DITAS riscadas, ditas de 800 até 1.000.

CORTES de vestidos de chita, á disposição, com duas saias.

GRAVATAS a Rocambole, de setim e tafetá de cor.

DITAS Victoriosas, dita de tafetá preta etc. DITAS para senhoras. FITAS de Tafetá, e de setim.

Camisas de homens

De morim, modernas a 20.000, 24.000 e a 30.000.

Ditas com peito, colarinho e punhos de Irlanda de linho a 48.000 até 60.000.

perfumaria

Deposito das casas VIOLET, PIVERT e BLEUZE de Paris.

AGUA FLORIDA legitima de Murray e Lammann de New York 1.300 a garrafa e 12.000 a duzia.

AGUA DE COLONIA (etherée) contra as nevralgias, dores de cabeça e de dentes.

VINAGRE d'Iris, violeta para tirar sardas e outras manchas do rosto.

OLEO de Babosa, legitimo.

SABÃO FINO de Thiridace Suc de Laitrie.

DITO de Familia, grande modelo a 4.200 a duzia.

DITO dito, pequeno modelo a 2.200 a duzia.

Brinquedos

Rico sortimento de brinquedos para crianças, finos e ordinarios, de fayence e porcelana.

LOUÇA E PORCELLANA.

APPARELHOS de jantar, e de chá de fayence e porcelana.

VASOS de chrystal, opacos, e de porcellana doirada.

ENFEITES

NOVOS enfeites para guarnição de vestidos. GRANDE e rico sortimento de brinços para senhoras, fivellas para cintos, broches, alfinetes, pentes, cintos, e colletes, etc.

De occasião

LAN, chamadas a Rocambole a 700 o covado.

MOSELIN em peças, francezas, largas, a 460 o covado.

PERCALLES em peça, de Molheuse, largas, a 560 o covado.

CHITAS claras e escuras, muito largas, a 320 e 400 o covado.

RICOS côrtes de cassa, em peça, a 8.000.

VELLAS DE COMPOSIÇÃO legitimas francezas, caixa de 25 pacotes de 1 libra 19.000, 1 libra 780. rs.

CALÇADOS

Homens, botinas 7.000 até 10.000

Senhoras

Botinas brancas ricamente enfeitadas, duzia 84.000, par 8.000.

Botinas de cores setim, francezas, enfeitadas, duzia 72.000, par 7.000.

Botinas de cores, setim francezas, com laços, duzia 64.000, par 6.000.

Botinas pretas, setim francezas, gaspeadas, duzia 64.000, par 6.000.

Botinas pretas, e de cores, duraque, lisas, duque a 54.000, par 5.000.

MENINAS

Botinas pretas, setim francezas, gaspeadas, duzia 54.000, par 5.000.

Botinas de cores, setim francezas, ricamente enfeitadas duzia 60.000, par 6.000.

Botinas brancas, setim francezas, ricamente enfeitadas, duzia 72.000, par 7.000.

Botinas pretas, e de cores de uraque e lisas duzia 48.000, par 4.500.

Papel e tintas

Caixinhas de papel de 20 cadernos e enveloppes á 1.500.

Tintas e lapis pretas e de cores.

Cartas de jogar a 320 o jogo. 11

Drogaria e pharmacia allemã

RUA DO COMMERCIO N. 36.

O proprietario deste estabelecimento participa ao respeitavel publico desta capital, e principalmente aos srs. doutores, boticarios, fazendeiros do interior, que recebem, recentemente em direitura de Hamburgo, um grande sortimento de drogas, productos chimicos, e utensilios para botica, e está no caso de fornecer tudo pelos preços do Rio.

Garante-se a boa qualidade das drogas, e promette-se prompta execução de qualquer encomenda.

GERMÃO HUSER. 8=7

Liquidação

M.me Dueros tencionando retirar-se para a França, participa ao respeitavel publico que procedendo á liquidação da sua casa de negocio, VENDE TUDO COM GRANDE ABATIMENTO DE PREÇOS, tanto em porção como á varejo, e com muito grandes vantagens a qualquer pessoa que queira comprar tudo para continuação de negocio.

Au Gagne Petit 6-5

Theatro de S. José

ASSOCIAÇÃO DRAMATICA PAULISTANA

ALTA NOVIDADE DO DIA!

O PODER DO OURO!!

Domingo 1 de Agosto de 1869

GRANDE SUCESSO

Subirá á scena o maravilhoso drama em 4 actos, intitulado:

O PODER DO OURO!

DENOMINAÇÃO DOS ACTOS

1^o ACTO

A sedução e a partida para o Brazil.

2^o ACTO

As victimas d'um cynico

3^o ACTO

A miseria no lar domestico e a volta do Brazil.

4^o ACTO

O que é o Poder do Ouro!!!

PERSONAGENS:

O commentador Francisco Vieira, ex-aprendiz de fogueteiro, por ultimo Visconde de Gondomil. Sr. Ferreira Albuquerque.

Manoel Vieira, seu pae, ex-fogueteiro, depois commendador Vieira. Sr. Domingos Costa.

José Vieira, seu tio, ex-negociante de bacalhau e comiuhos. Sr. Corrêa Vasques.

Joaquim Ribeiro, carpinteiro. Sr. Leal Ferreira.

João Ribeiro, seu filho. Sr. Augusto Filho.

O Marquez do Seixal. Sr. Paulo Petit.

O Barão de Gondalães. Sr. Antonio Perreira.

O conselheiro Mascaranhas. Sr. Augusto Montant.

O tabellião Monte-Verde. Sr. Antonio Corrêa.

Jorge. Sr. Veiga Cabral.

Margarida, filha de Joaquim Ribeiro. Sra. D. Francisca Deolinda

Mariana, sua mãe. Sra. D. Balbina Montani.

Julia, filha do Marquez. Sra. D. Rita Leal.

Um menino de 5 annos, criados, etc.

A acção passa-se na cidade do Porto.

O drama é posto em scena com todo o capricho.

Recebem-se encomendas de camarotes, no escriptorio do theatro.

Typographie Imparcial